

**DESCOBRINDO  
O PLANO DE DEUS  
PARA A IGREJA**

**Autor Desconhecido**

**Edições Cristas**

Neste pequeno livro proponho-me transmitir a experiência que tive com certas igrejas de cristãos que procuram aplicar o ensino neo-testamentário acerca da Igreja. Escrevo com uma certa cautela porque não pretendo exaltar o homem e nem grupo algum de homens. No entanto, sinto-me obrigado a compartilhar com outros a bênção que tenho tido ao manter comunhão com este apreciado grupo de crentes no Senhor Jesus Cristo.

Durante seis anos pastoreei igrejas numa denominação bem conhecida, tendo-me criado e convertido a Cristo dentro daquela denominação, onde se prega o Evangelho e se crê na Bíblia. No entanto, meu estudo pessoal do ensino neo-testamentário com respeito à Igreja e ao ministério me levou a questionar seriamente se muitos de nossos métodos e tradições eram realmente escriturísticos.

Ao mesmo tempo, cada vez me chamavam mais a atenção certas igrejas de crentes cujas crenças e práticas concordavam surpreendentemente com as convicções que eu estava adquirindo como resultado de esquadrihar as Escrituras.

Após muita oração e luta interior, senti-me guiado pelo Espírito Santo (embora meu gesto desagradasse a alguns irmãos) a renunciar ao pastorado, deixar minha denominação e começar a reunir-me com um pequeno grupo destes irmãos. Não me tenho arrependido em tomar este passo e não posso expressar completamente como tenho sido abençoado, eu e minha família, com tal atitude.

Sinto que eu seria um tanto ingrato e egoísta guardando para mim esta experiência, principalmente em razão de que muitos cristãos, apesar de sentirem que algo lhes falta em suas próprias tradições eclesiásticas, desconhecem por completo a existência destas igrejas que se reúnem conforme o Novo Testamento.

Eles são denominados de “Irmãos de Plymouth”, ou “Irmãos Livres”, ou simplesmente de “Irmãos”, mas estes nomes lhes são dados por outros e não são nomes que eles tenham adotado. Consideram-se simplesmente crentes no Senhor Jesus Cristo, reunindo-se somente em Seu Nome, sem títulos denominacionais. Se se exige o uso de um rótulo, preferem o de “irmãos”, pois que não é um nome exclusivo, mas que pode aplicar-se igualmente a todo e qualquer crente verdadeiro.

Por conveniência, nós os chamaremos de igrejas de “irmãos”. As aspas e a letra minúscula enfatizam que não se trata de uma denominação e nem deve confundir-se com uma denominação (como, por exemplo, Igreja dos Irmãos, Irmãos em Cristo, Irmãos Unidos, etc.).

Os “irmãos” a que nos referimos são crentes que se congregam na simplicidade neo-testamentária, reconhecendo sua unidade essencial com todo o restante do Corpo de Cristo, sem importar-lhes a filiação denominacional ou de igreja local.

O movimento começou na Grã-Bretanha a princípios dos anos 1900, a fim de isolar-se das estruturas denominacionais e das tradições humanas que dominavam a cristandade. A cidade de Plymouth, na Inglaterra, foi um dos primeiros e maiores centros desta obra.

Apesar de seu humilde começo, como um pequeno rebanho desprezado, os “irmãos” logo causaram uma impressão permanente sobre o Cristianismo evangélico.

Muitos dos temas comuns para os cristãos que hoje crêem na Bíblia, tais como a bendita esperança da Vinda iminente de Cristo, a distinção clara entre a lei e a graça, a posição única da Igreja nos propósitos de Deus, a bênção futura de Israel, etc., foram popularizados por escritores e expositores bíblicos dos “irmãos”, tais como J. N. Darby, F. W. Grant, H. A. Ironside, William Kelly, C. H. Mackintosh, Samuel Ridout, W. E. Vine e muitos outros.

É impossível exagerar o impacto que estes piedosos e dotados homens exerceram sobre a fé evangélica através dos anos.

Estou mencionando isto não para exaltar estes homens ou o movimento dos “irmãos”, mas porque ao escutar alguém falar nestas igrejas pela primeira vez pode pensar equivocadamente que se trata de algum grupo extremista ao qual se deve evitar. Não é este o caso. Eles têm tido um papel chave na história do Cristianismo bíblico através dos últimos séculos e continuam mantendo firmemente as doutrinas fundamentais da fé: a Divindade de Cristo, Sua morte sacrificial, Sua ressurreição corporal, Seu retorno literal, a salvação mediante a fé somente, a inspiração verbal das Escrituras, etc.

Certamente, estas igrejas não são perfeitas representações do Cristianismo neo-testamentário. Sua história não está livre de imperfeições e de fraquezas humanas. Afinal de contas, as congregações em qualquer lugar são compostas por santos imperfeitos e o movimentos dos “irmãos” tem tido também suas penosas divisões. Ninguém está mais consciente disso do que os próprios “irmãos”. Muitas das afirmações que eu faço acerca deles são coisas que eles mesmos recusam afirmar. E deve ser assim, porque disse nosso Senhor: “Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória” (João 7.18).

Entretanto, como um recém chegado a uma das tais igrejas, sinto-me numa posição para poder falar livremente acerca do que tenho encontrado sem o perigo de querer engrandecer-me.

Como estou escrevendo a título de testemunho pessoal, não sinto nenhuma obrigação de tratar de forma sistemática das crenças e práticas de tais igrejas. No entanto, quero comentar quatro características específicas que me têm parecido particularmente notáveis e confortantes.

# **1 - ELIMINAÇÃO DO “CLERO” COMO CLASSE DIFERENTE DOS CRENTES EM GERAL**

Na simplicidade da Igreja Primitiva, como pode comprovar qualquer leitor imparcial do Novo Testamento, não existiu tal coisa como um “clero” profissional.

O conceito de uma igreja guiada por um homem com “credenciais” ministeriais e preparação profissional servindo para ganhar um determinado ordenado é assunto completamente desconhecido em o Novo Testamento.

O modelo neo-testamentário é outro. A igreja é guiada, do ponto de visto humano, não por um único pastor, mas por um grupo de homens normalmente chamados “anciãos” ou “presbíteros”. Além disso, é óbvio que tais anciãos geralmente são levantados por Deus da própria congregação local e não são importados de fora.

Tais igrejas mantêm este modelo e foi isto, em primeiro lugar, o que me atraiu a elas. Enquanto eu servia como um “pastor” tradicional numa igreja denominacional, meu estudo do Novo Testamento me mostrou que eu estava ocupando uma posição não escriturística.

Com o modelo neo-testamentário perante mim, comecei a ver com novos olhos alguns trágicos resultados que o modelo não escriturístico de liderança na igreja provoca e que é abraçado pela maioria das igrejas. Muitos pastores de igrejas locais são piedosos e dedicados, mas o sistema clerical (esta deplorável divisão dos santos entre “clero” e “leigos” – tem trazido à Igreja de Deus incontáveis prejuízos.

Um famoso treinador definiu o esporte futebol da seguinte maneira: “Há 22 homens no campo, que desesperadamente precisam de descanso, e estão rodeados por 50.000 espectadores que desesperadamente precisam de exercício”.

Este estado de coisas existe na maioria das igrejas atualmente devido ao conceito de que o que tem que pregar e ensinar a Palavra ou pastorear o povo de Deus obrigatoriamente tem que ser um que tenha credencias profissionais. Assim, o exército de Deus, que encerra tão grande potencial de força, fica comodamente subdividido entre um punhado de soldados em pé de guerra de um lado e uma companhia incontável de espectadores (os “leigos”) de outro, os quais incentivam os soldados com sua assistência às reuniões e com o seu apoio econômico.

Para ser justo, preciso dizer que muitos pastores, mais do que ninguém, lamentam este estado de coisas. Eles percebem a sua função

não de monopolizadores da obra de ministério, mas como preparadores dos santos para participarem do ministério. No entanto, esse resultado tão desejado raras vezes se consegue e é por causa da distinção entre clero e leigos que se imobiliza os santos.

Está muito arraigado o conceito de que certas funções dentro da obra cristã são reservadas apenas a alguns “chamados”. Certa ocasião, quando eu começava a ver a verdade neo-testamentária em relação a este assunto, compartilhei estas ideias com alguns homens da igreja, sugerindo que outros irmãos deveriam tomar parte, por exemplo, na pregação e no ensino da Palavra nas reuniões públicas da igreja.

Um destes queridos irmãos, com toda a sinceridade, me respondeu: “Mas, pastor, nós não temos estudado como o senhor!” Minha reação inicial era perguntar: “E por que não?”

Posso afirmar que 99% de meus conhecimentos bíblicos (e, infelizmente, quão poucos são!) tenho aprendido não no seminário teológico, mas através do estudo pessoal das Escrituras e de livros escritos por homens de Deus. E estes recursos estão ao alcance de cada crente em Cristo, que deveria estar aproveitando regularmente deles.

A verdade que muitos homens com preparação teológica admitiriam junto comigo é que seu preparo no seminário, longe de capacitá-los para expor as riquezas da Palavra de Deus, foi uma experiência que trouxe aridez à sua alma, da qual tiveram de recuperar-se espiritualmente antes de voltar a ter fruto no ministério da Palavra.

Nas igrejas dos “irmãos”, o cuidado espiritual do povo de Deus é exercido por um grupo de irmãos responsáveis, maduros espiritualmente, e o ministério público da Palavra é compartilhado entre vários irmãos conforme os seus dons.

Além disso, há oportunidade na reunião semanal do partir do pão, como logo mais veremos, para que qualquer irmão, inclusive aqueles que normalmente não têm ministério público, possam compartilhar algum pensamento das Escrituras.

Embora seja verdade que entre tais igrejas existem obreiros de tempo integral dedicados ao trabalho do Senhor, como missionários, evangelistas e mestres da Bíblia, a carga principal das igrejas e do ministério público está nas mãos de homens que passam os dias úteis da semana em seus trabalhos seculares.

Mas poderemos perguntar-nos: E a qualidade do ministério público em tais igrejas como é, pois que é conduzido principalmente por homens que nunca receberam preparação formal em teologia e homilética, que nunca foram ordenados por nenhuma igreja nem denominação?

Darei minha opinião.

O ensino da Bíblia entre tais igrejas, embora não apresente muitas vezes um estilo polido e retocado de “show” (que bom, que bênção que falte isto!) dos pastores profissionais e assalariados, geralmente é decididamente bem superior quanto ao seu conteúdo.

É como alguém já disse: “Há uma grande diferença entre ser ensinado nas Escrituras e ser hábil com a Bíblia”. Infelizmente, nesta última atitude é no que se dá ênfase em muitas aulas de seminários e nos escritórios de muitos pastores, que encaram a preparação de dois ou três sermões por semana para entreter um público que tem pouco interesse nas verdades profundas da Palavra de Deus.

Em contraste, quem geralmente toma a palavra numa reunião entre os “irmãos” talvez nem saiba que as divisões de seu resumo da mensagem devem começar com a mesma letra. E talvez nem saiba que seria bom se tivesse um esboço da mensagem! Nunca lhe foi dito que é bom que tenha um título cativante para a sua mensagem, que use uma ilustração para chamar a atenção e uma conclusão que deixe seus ouvintes temerosos com a gravidade da mensagem. Sendo, lamentavelmente, mal informado quanto a isto, ele só sabe expor o sentido da Palavra de Deus, versículo por versículo, linha por linha. Seus pobres ouvintes, por não conhecerem coisa melhor, parece não perceberem o que perdem, talvez por seus ouvidos se terem habituado a achar prazer na verdade das Escrituras e não nos papéis de presente com que muitas vezes ela é embrulhada.

Antes de deixar este tema, preciso mencionar um precioso efeito secundário que tenho observado como resultado do compartilhamento do ministério público entre os homens. É o efeito sobre as famílias da igreja.

Quem pode calcular a profunda impressão causada sobre um menino, semana após semana, ao ver e ouvir seu pai – não o pastor, não o pregador – mas seu pai em pé perante a congregação expondo a Palavra de Deus ou levantando-se impulsionado pelo Espírito Santo para compartilhar talvez um breve pensamento sobre as glórias de Cristo durante a Ceia do Senhor?

E será menos profunda a bênção para a piedosa esposa ou mãe que está ao lado do menino? Acaso não é este o clamor saído do profundo do coração de tantas esposas em nossos dias: “Que bom seria se meu marido tivesse mais interesse nas coisas espirituais”? Não é esta a necessidade premente da família atual, que os pais e maridos desejem e tomem as rédeas da liderança espiritual? E esta necessidade não existe também nas igrejas?

É triste admiti-lo, mas os homens, embora criados para exercer a liderança espiritual, por natureza somos negligentes em fazê-lo. Se

algumas vezes a mulher toma a direção na liderança espiritual no lar, geralmente o marido deixa e se sente feliz!

Se há um pastor profissional para pregar, para ensinar, para testemunhar, para aconselhar, geralmente, os homens ficam acomodados como espectadores.

Nas igrejas dos “irmãos”, entretanto, os homens são animados a exercerem seus dons e para isto lhes é dada oportunidade. Eles têm que fazer a obra e, humanamente falando, não há mais ninguém que o faça. E eles observam o que os outros fazem, que ministram sem terem tido preparação de seminário, que não são ordenados e nem remunerados para fazer a obra.

Os irmãos ensinam a Palavra, pastoreiam o rebanho e fazem as demais obras do ministério. É formoso ver a maneira como os homens respondem ao desafio sob estas condições e isto traz incontáveis bênçãos para a igreja que se manifestam para o bem da família de Deus.

## **2-OBEDIÊNCIA AO ENSINO DA ESCRITURA QUANTO AO TRABALHO DA MULHER NA IGREJA**

Isto nos leva a outra característica de tais igrejas. E ela suscita certa reação negativa e é a obediência literal às instruções das Escritura quanto ao trabalho da mulher na igreja.

Estas instruções encontram-se em passagens bíblicas como 1ª Coríntios 11 e 14 e 1ª Timóteo 2. Estas instruções são opostas ao espírito do presente século e talvez por isso sejam tão atacadas e ignoradas mesmo por muitos que dizem amar a Palavra de Deus.

O fato que as mulheres nestas igrejas costumam usar véu sobre a cabeça durante as reuniões é, para muitos, chocante e ofensivo. Isto, na opinião de alguns, coloca tais igrejas junto com aquelas seitas raras que lidam com serpentes. Ao contrário, minha esposa e eu, achamos nisto a confirmação final, como explicarei a seguir, de que deveríamos reunir-nos com estes irmãos e irmãs.

Durante anos tínhamos ouvido várias explicações que supunham situações culturais locais que tinham dado lugar a tal ensino, como, por exemplo, a proeminência das prostitutas do templo em Corinto como motivo pelo qual Paulo insistia no véu e no silêncio das mulheres nas reuniões.

Estas explicações nunca nos soaram satisfatórias. Em primeiro lugar, não nos parecia justo que um conhecimento da história greco-

romana fosse requisito indispensável para poder interpretar corretamente as Escrituras, especialmente no caso onde uma interpretação baseada em questões culturais parece deixar de lado o sentido evidente da passagem.

De qualquer modo, quando alguma vez uma irmã se levantava para tomar a palavra perante a igreja por algum motivo e quando, em certa ocasião, nossa Escola Dominical escolheu uma mulher para ensinar uma classe mista de adultos, tivemos uma profunda suspeita de que alguma coisa estava andando mal.

Isto ficou bem claro o dia em que uma de nossas apreciadas senhoras da igreja nos procurou, incomodada, porque ela tinha lido algumas Escrituras sobre este tema. Ela queria saber se aqueles versículos significavam o que eles diziam e, se assim fosse, por que não estávamos obedecendo? Eu lhe disse que isto me preocupava também a mim e que, por não estar seguro quanto à interpretação exata daquelas passagens bíblicas, eu teria de estudar o assunto com mais precisão e procuraria chegar a uma conclusão.

Isto aconteceu durante aquele período que antes mencionei, quando eu estava lutando com outros aspectos do modelo neotestamentário para a igreja.

Minha conclusão final foi que todas aquelas Escrituras querem dizer exatamente o que elas dizem e que a única coisa que tem impedido que a Igreja aceitasse plenamente estes ensinamentos é o fato de a Palavra estar sendo pregada com atitudes corrompidas por tradições e pelo espírito do nosso século.

Quando alguém sugere que tomar em sentido literal o que as Escrituras dizem quanto ao lugar da mulher na igreja, isto é, quando alguém sugere que a mulher realmente deve guardar silêncio durante as reuniões e não lhe é permitido ensinar, provavelmente escutará o argumento: “E será que a mulher também deve usar véu sobre a cabeça?”, como se aquele fosse um ensino absurdo demais e fosse argumento suficiente para procurar uma interpretação mais aceitável.

Em certo sentido, aquele argumento tem algo de razoável porque é inconsequente tomar a sério uma clara instrução dada à igreja e deixar de lado outra. Mas será esta a atitude correta? Não deveríamos submeter-nos às duas instruções? Aliás, a tudo o que a Palavra diz?

Agora talvez você entenda porque nos alegamos ao encontrarmos as mulheres destas igrejas usando véu na cabeça. É evidente que aqui encontramos crentes que querem seguir inteiramente o modelo neotestamentário para a igreja e não escolher o que gostam e rejeitar o que lhes é incômodo. Aqui temos encontrado igrejas que não têm medo de obedecer a Palavra de Deus, ainda que tal obediência as coloque em



contraposição ao ponto de vista prevalecente tanto entre descrentes quanto entre outros chamados cristãos.

O usarem véu na cabeça as irmãs não é algo rigidamente imposto e com espírito legalista. Na maioria das igrejas é praticado com espírito de doçura e de boa vontade pelas irmãs, as quais são as principais defensores do véu. As visitas que aparecem em suas reuniões não são obrigadas a se conformarem com tal prática. Não se trata de um jugo imposto. As irmãs, em sua maioria, alegram-se de poderem demonstrar assim perante toda a igreja sua submissão ao “Cabeça” e, portanto, a submissão correspondente da igreja a Cristo.

E, através da obediência neste assunto, Cristo é honrado, famílias são fortalecidas, meninas aprendem a beleza de ser mulher e os homens são desafiados quanto à liderança espiritual.

Se alguém acha que isto é uma imposição, então pergunte-se às irmãs se elas se sentem oprimidas. E observe seus rostos ao explicarem a bela realidade espiritual por trás desta manifestação externa. Observe-se também o comportamento das filhas; sobriamente comparem-se seu caráter, sua maturidade e sua espiritualidade com os de outras moças de sua idade. Considere-se em sua vida doméstica, em sua vida conjugal e no comportamento dos filhos não apenas o véu, mas o duplo aspecto do espírito de submissão alegre da parte da esposa e da liderança ativa da parte do marido; das coisas que são ensinadas, estimuladas e mantidas por meio deste símbolo externo. A seguir, responda francamente se estes frutos poderiam ser esperados de um regime de legalismo opressivo.

Finalmente, àqueles que comodamente deixam de um lado o mandamento de Deus e agarram-se às tradições dos homens, faça-lhes a seguinte pergunta: Se as instruções neo-testamentárias se aplicam exclusivamente, em seu sentido literal, a casos específicos do passado em vista de certas exigências culturais, onde podem as irmãs de hoje encontrar uma instrução definitiva à luz das condições culturais de hoje? Será que foi maior a necessidade na Corinto do primeiro século que a necessidade de hoje, com tão grande confusão de sexo e com tão forte ataque contra a feminilidade?

Se era necessária naquele tempo uma palavra clara da parte do Senhor, quanto mais hoje! E aquelas que voluntaria e alegremente se submetem ao ensino da Escritura neste assunto brilham como luzes no meio de uma geração maligna e perversa.

### **3-EXALTAÇÃO DA PESSOA E DA OBRA DE CRISTO**

Posso dizer com profunda gratidão que, mesmo antes de deixar a igreja denominacional, foram escritores dentre os “irmãos” que me ensinaram da glória da Pessoa e da Obra de Cristo Jesus.

Livros como “Notas sobre Levítico”, por C. H. Mackintosh, e “Ensaio sobre a Epístola aos Hebreus” e “Ensaio sobre o Tabernáculo”, de Samuel Ridout, começaram a criar dentro de mim uma profunda atração à Sua Pessoa e uma apreciação sólida e doutrinária, mais do que sentimental, por Sua Obra; criaram em mim um ardente desejo para considerar Sua formosura multifase que nunca antes eu tinha conhecido.

Desde que me uni aos “irmãos”, tenho tido muitas vezes motivo para agradecer a Deus porque nestes humildes agrupamentos do Seu povo sempre se consideram as glórias de Cristo e pergunto-me porque durante tanto tempo me contentei com uma apreciação tão superficial, tão insípida e tão sentimental dEle.

E quem pode negar que isto descreve o conceito de Cristo que normalmente se apresenta na pregação, no ensino e na literatura de hoje? Não é verdade que a apresentação da Cruz raramente vai além de Seus sofrimentos e de uma afirmação que “Ele morreu por nossos pecados”? Esta última é uma verdade gloriosa, mas há muitas outras facetas maravilhosas da Obra de Cristo na Cruz!

Usando as figuras das ofertas do Antigo Testamento, será que precisamos apenas falar da oferta pela transgressão (ainda que esta seja um aspecto real e glorioso da Obra de Cristo?) e esquecer aqueles aspectos do Seu glorioso sacrifício apresentados por meio da oferta pelo pecado, da oferta pela paz e do holocausto?

Sim, o holocausto, o mais glorioso e mais belo de todos os sacrifícios típicos! Assim é que a Obra de Cristo é apresentada, não como ela afeta ao homem, mas como ela é vista por Deus. Assim, Cristo é representado não como quem leva nossos pecados, mas como Aquele Ser entregue na Cruz e que se constituía no deleite do coração do Pai de maneira especial em Sua morte. É Cristo que, através do Espírito eterno, ofereceu-se a Si mesmo sem mancha a Deus (Hebreus 9.14).

E quem pode sondar a doçura da fragrância de tal sacrifício para Deus! No entanto – que julgue o leitor – quantas vezes a maioria dos crentes ouve falar destas coisas?

E, se o ensino atual sobre a Obra de Cristo é tão superficial e insatisfatório, o ensino sobre a Sua Pessoa é praticamente inexistente. Ainda que muitos dos crentes evangélicos poderiam dar alguma resposta ortodoxa de que Cristo é tanto Deus quanto Homem, tememos que perguntas mais profundas seguramente produziriam resultados embaraçosos e desconcertantes. E a impecabilidade de Cristo? Ele poderia ter pecado? Sua humanidade lutou contra a tentação como

acontece conosco? Renunciou Ele a certos atributos de Sua Divindade ao fazer-se homem? E Sua humanidade incorruptível? Ele estava sujeito à enfermidade e à morte? Como é ilustrada Sua Pessoa maravilhosa no Tabernáculo, nas ofertas de Levítico e em outros tipos do Antigo Testamento? Por que temos quatro evangelhos? Que aspecto particular de Cristo é enfatizado em cada evangelho?

E mesmo onde estas perguntas e outras mais possam ser respondidas corretamente, existe uma verdadeira devoção a Cristo, uma contemplação constante dEle, uma alimentação profunda e diária dEste que é “o pão de Deus que desce do céu e dá vida ao mundo” (João 6.33).

Quero referir-me a isto com muito cuidado porque as generalizações sempre são perigosas e nada poderia ser mais inconveniente que orgulhar-nos de nossa apreciação de Cristo, seja um indivíduo ou um grupo de igrejas. Portanto, espero que o leitor compreenda com que espírito estou escrevendo e que me perdoe, como um que tem recebido bênçãos tão maravilhosas, meu desejo é compartilhá-las com outros.

Assim, minha observação pessoal é que qualquer que seja a fraqueza que se nota entre as igrejas dos “irmãos”, têm elas maior deleite e apreciação pela Pessoa e pela Obra de Cristo do que normalmente se encontra em outras partes.

Posso compreender que o leitor talvez não aceite esta minha afirmação, e eu nunca tenho ouvido dizer isto entre estas igrejas, mas eu só posso falar do que tenho visto e ouvido.

Uma das minhas primeiras surpresas ao começar a reunir-me com uma pequena igreja de “irmãos” foi o anúncio de uma série de reuniões especiais com um conferencista de fora que tinha sido convidado.

A experiência me tinha ensinado a associar tais eventos com muita propaganda e promoção, culminando com a chegada da “estrela”, um pregador ambulante, que, se não era um ex-jogador profissional ou outra figura eminente, pelo menos era um orador cativante, preparado para disparar uma artilharia de sermões dinâmicos, bem ensaiados, sobre uma variedade de temas. Tal expectativa foi decepcionada porque o que vi foi um grupo de crentes ali reunidos sem terem ido empurrados ou atraídos por propaganda, reunidos para escutar a um simples servo de Cristo, entregando de todo coração uma série de estudos sobre a vida de nosso Senhor baseados no livro de Marcos.

Desde então, tenho notado o mesmo espírito de diversas formas. Por exemplo, em nossos dias, quando as livrarias cristãs estão cheias de estudos sobre temas da atualidade, de ficção cristã e de psicologia secular banhada com uma capa de verniz cristão, em meio de qual outro grupo de crentes poderia ter ampla circulação um livro escrito um século e meio atrás intitulado “A Glória Moral do Senhor Jesus Cristo”?

Este simples encanto com Cristo tem muito a ver, creio eu, com o que, a seguir, mencionaremos em relação ao Partir do Pão, praticado semanalmente entre tais igrejas. Creio que nesta prática de reunir-se cada semana sob a direção do Espírito Santo, com o único propósito de recordar o Senhor da maneira que Ele pediu é que, mais que qualquer outra coisa, tem dado a característica dos “irmãos” exaltarem a Pessoa e a Obra de Cristo.

É como às vezes cantamos ao redor da mesa do Senhor:

.....

Eu digo a meus irmãos e irmãs para termos cuidado de agir na simplicidade da devoção a Cristo. E, no momento em que damos graças a Deus por uma herança espiritual tão rica como a nossa, a seguir, confessemos que nós também temos bebido mui timidamente deste imenso manancial. Existem regiões inteiras das glórias de Cristo que ainda não foram exploradas e nem apreciadas, devido a nossa frouxidão espiritual. Como conhecemos pouco ao Senhor! Confessemos nossa falta e proponhamo-nos conhecê-lo melhor!

## **4-RECORDAÇÃO SEMANAL DO SENHOR ATRAVÉS DO PARTIR DO PÃO**

Ainda que as Escrituras não dão nenhuma ordem explícita em relação à frequência da Ceia do Senhor, claramente ela se celebrou na Igreja cada Dia do Senhor (Atos 20.7; 1ª Coríntios 11.17-26, etc.). E não é só isso. Ela era o enfoque central da reunião. Este é um assunto onde comecei a fazer exercício de consciência ao estudar o modelo neo-testamentário para a igreja.

Atos 2.42 fixa quatro coisas essenciais nas quais a Igreja Primitiva perseverava unânime: o partir do pão, a doutrina dos apóstolos, a comunhão e a oração. De quantas igrejas em nossos dias se pode dizer que perseveram no partir do pão? Na igreja que eu pastoreava, assim como na maioria das igrejas que conhecia, a frase escritural “todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice” poderia corrigir-se para “as poucas vezes que comeis este pão e bebeis este cálice”.

Quando se diz a alguém que as igrejas dos “irmãos” seguem o modelo neo-testamentário de observar semanalmente a Ceia do Senhor cada Dia do Senhor, a reação comum entre aqueles que nunca observaram isto em sua simplicidade e sua beleza escritural é: “Eu não gostaria de tomar a Ceia do Senhor toda semana”. Mas eu também não gostaria se é para realizá-la no estilo da maioria das igrejas evangélicas de nossos dias. Tal rito insípido recheado de vestígios da superstição

católica romana (como o requisito de ser “administrado” por um “clero”), a duras penas poderia conquistar-lhes o coração.

Considerando meus anos de ministério, recordo os sentimentos de antipatia que tinha ao celebrar (apenas 2 ou 3 vezes ao ano) a Ceia do Senhor. Mas, agora, o Partir do Pão tem-se transformado num deleite especial, ao ponto de sentir-me infeliz quando, por força maior, não posso dele participar.

Permitam-me descrever, para aqueles que nunca a tenham visto, uma reunião típica do Partir do Pão em uma igreja dos “irmãos”. A hora de sua realização varia; em algumas igrejas é a sua primeira reunião do domingo pela manhã; outras preferem uma hora da noite. Os santos se reúnem perante a mesa do Senhor. Em alguns casos, sentam-se ao redor da mesa; em outros, a mesa está diante deles. Talvez a primeira coisa que percebamos é a simplicidade do local de reunião. Os “irmãos” não são conhecidos por seus suntuosos locais de adoração! Mas o detalhe que mais nos chama a atenção é que não costumam ter a ninguém como diretor ou mestre de cerimônias, ninguém, a não ser o Espírito Santo!

Logo, algum dos irmãos, ao sentir-se guiado, começará a reunião, talvez pedindo um hino. A seguir, outro irmão poderá ler uma breve passagem das Escrituras que está relacionada com o enfoque da reunião. Outro poderá guiar a congregação em oração. E assim continua a reunião, com diferentes homens da igreja tomando parte; não ministros profissionais, mas homens de negócios, engenheiros, agricultores, carpinteiros e outros mais, de toda ocupação e situação social. Um pedirá um hino, outro fará uma leitura das Escrituras ou apresentará uma ação de graças, mas tudo centrado na Pessoa e na Obra redentora do Senhor.

As irmãs tomam parte vital e se unem na entoação de hinos, na oração e na adoração silenciosas, o que em grande parte afeta o tom espiritual da reunião.

Nada disso é planejado com antecedência, ainda que algumas vezes às visitas lhes custe crer que tal harmonia de pensamentos não tenha tido um preparo prévio. A única preparação para esta reunião é a preparação do coração dos irmãos e das irmãs ao examinar-se cada um e a meditação pessoal das Escrituras.

Após algum tempo, um dos irmãos dará graças pelo pão. A seguir, o retira da mesa e os crentes dele participam e o passam de um para outro. Dá-se graças também pelo cálice e ele é distribuído. Os homens que fazem isto também não são escolhidos previamente, e nem têm que ser anciãos ou diáconos ou membros de alguma maneira distinguidos. Vê-se claramente que aqui funciona o sacerdócio espiritual dos crentes, não em palavras somente, mas na prática.

Algum tempo depois de participarem do pão e do vinho, conclui-se a reunião, normalmente com um hino. Geralmente, levanta-se a oferta em algum momento durante a reunião. Há uma forte convicção entre os “irmãos” de que nenhuma oferta deve ser levantada numa reunião onde há descrentes, não só porque poderia causar constrangimento a alguém, mas também porque seria vergonhosa a Obra do Senhor ser financiada por ofertas de descrentes. Por isso a oferta é levantada durante a reunião do Partir do Pão, exclusivamente entre crentes e não numa reunião de pregação ou de ensino bíblico.

Muitas vezes, a Ceia do Senhor é chamada de Reunião de Adoração e certamente o é. Algumas visitas podem pensar que o ambiente é solene demais... Muitas vezes há períodos extensos de silêncio, mas não são períodos incômodos de “esperar que alguém fale”, mas tempos ricos de reflexão e de meditação.

“Que panorama esplêndido!”, escreve John Ritchie, o querido e santo ancião escocês.”Cada olho fixo em Cristo; cada coração satisfeito com Ele”.

Os hinos são cantados num compasso algo pausado a fim de poder saborear-se lentamente a letra. E que hinos! Enquanto que as igrejas, em geral, estão abandonando os velhos hinos da fé, trocando-os por estilos musicais mais à moda com ritmo de dança (muitos dos quais são o equivalente musical e espiritual de uma bala em contraste com um lauto almoço), os “irmãos” ainda sentem prazer em cantar hinos como estes.

.....

Pouco tempo atrás, por convite de um amigo, passei uma noite de sábado em uma reunião cristã em um salão público de nossa cidade. Quando cheguei, uma multidão de 400 ou 500 pessoas já estava bem imersa no tempo de “louvor e adoração”, mexendo-se ao compasso da música, expressando seu louvor de maneiras demonstrativas, e até frenéticas. O pregador daquela noite, um líder cristão bem conhecido, quase idolatrado, subiu ao púlpito para falar. O que ele entregou não foi nada mais do que uma charla superficial de ânimo que consistia mais do que nada em uma série de ilustrações e piadas que às vezes deixavam de lado a reverência. Voltei para casa com uma profunda preocupação pelo que tinha presenciado.

No dia seguinte, sendo o Dia do Senhor, me reuni com 30 ou 40 santos de maneira humilde ao redor da mesa do Senhor. Não houve nenhum pregador dinâmico. Nada de música de última moda. Nenhuma ostentação. Em resumidas palavras, não houve absolutamente nada que pudesse atrair a carne. Apenas o povo de Deus recordando-se dEle, assim como Ele tinha pedido. Esta cena, embora não se aproximasse da cena da noite anterior quanto ao nível de

diversão, respirava muito mais o espírito autêntico da igreja neotestamentária.

Apesar disso, estou certo que muitos daqueles que estiveram presentes naquela reunião do sábado, contemplando esta pequena reunião, com dó e desprezo teriam dito: “Não tem nada de emocionante! Que frieza espiritual!”. Certamente diriam isso porque não estariam vendo aquele apreciado santo de Deus sentado ali, com a cabeça entre suas mãos, que, apesar de várias décadas de serviço fiel a Cristo, sacode a cabeça em admiração ao contemplar a graça de Deus e o valor admirável dAquele que morreu por ele. Também não estariam vendo um piedoso pai e marido que pára para enxugar suas lágrimas ao cantar:

.....

Frieza? Melancolia? Quem nunca experimentou não pode descrever a inestimável satisfação, o profundo caudal de gozo dentro do coração ao fixar o olhar nos olhos dAquele em quem todo o céu se deleita e sobre aquela vasta Obra que Ele tão perfeitamente completou! Aqui há realmente descanso para a consciência, satisfação para o coração e verdadeiro gozo; não um gozo fácil de expressar, mas um “gozo indizível e cheio de glória”!

Seja o modelo bíblico para o exercício da liderança na igreja, seja o trabalho da mulher nas igrejas, seja a preeminência da Ceia do Senhor, ou qualquer outra área da vida da igreja, encontraremos que o seguirmos o modelo deixado pelo Espírito Santo nas Escrituras produz resultados de bênção. Seria uma loucura pensar o contrário. As instruções do Novo Testamento para as igrejas não são instruções impraticáveis em nossos dias que têm que ser reinterpretadas usando truques de exegese.

São lâmpadas preciosas que iluminam o caminho da Igreja através deste século obscuro. Aqueles que podem dizer como o salmista: “Volto os meus passos para os Teus testemunhos” (Salmo 119.59) seguramente acharão que eles são mais confiáveis do que as opiniões e a as tradições dos homens.

## **ALGUMAS PALAVRAS FINAIS**

Minha oração é que, em meu desejo de compartilhar a bênção que tenho recebido, não tenha apresentado as igrejas dos “irmãos” com exagero. Sem dúvida alguma, mais de mil obras deste tamanho poderiam ser escritas sobre suas fraquezas, defeitos e erros.

Qualquer pessoa que procure perfeição ou algo parecido entre qualquer grupo de santos deste lado do céu inevitavelmente vai decepcionar-se.

Estas poucas páginas são o testemunho pessoal de um que, como os leprosos dos dias de Eliseu (2º Reis 7.9), achou um precioso tesouro e não pode calar-se. Que o Senhor se digne abençoá-las e usá-las para a Sua glória!

**.oOo.**